

Bernhard Sylla

A Hermenêutica da *langue*: Weisgerber, Heidegger e Humboldt

1. Breves anotações preliminares

Gostava de aproveitar esta oportunidade para apresentar alguns tópicos tratados no meu livro *Hermeneutik der langue: Weisgerber, Heidegger und die Sprachphilosophie nach Humboldt*, publicada na editora Königshausen & Neumann, em Würzburg, Alemanha.¹

Este livro corresponde a uma parte da minha tese de doutoramento, mais precisamente às segunda e terceira partes que tratam das implicações filosóficas da linguística de Leo Weisgerber e dos aspectos linguístico-filosóficos da filosofia da linguagem heideggeriana.

Uma grande parte da minha tese que se ocupa dos aspectos linguísticos e historiográficos da vida e obra de Weisgerber não está presente neste livro. No entanto, a parte inicial do livro tenta dar um resumo dos pontos essenciais dessa primeira parte da tese. Quero dar pelo menos algumas indicações relacionadas com este assunto que servirão para enquadrar o nome Weisgerber no contexto linguístico-filosófico mais geral.

2. Alguns dados sobre Leo Weisgerber (1899-1985)

Leo Weisgerber nasceu em 1899 e faleceu em 1985. Ele foi um linguista alemão que cunhou e dominou uma verdadeira era da linguística alemã que abrange o meio século de 1924 a (mais ou menos) 1974.

Poderemos dividir estes 50 anos em 4 fases.

1ª fase (1924-1933): Desenvolvimento da sua teoria da linguagem

Nos tempos da República de Weimar, Weisgerber torna-se rapidamente protagonista de um novo conceito e de uma nova concepção teórica da linguagem. Há conversas e

¹ Sylla, Bernhard (2009), *Hermeneutik der langue: Weisgerber, Heidegger und die Sprachphilosophie nach Humboldt*, Würzburg: Königshausen & Neumann

controversas ricas e frutíferas com um grande número de personagens de destaque na área da linguística, filosofia e sociologia.

- 1) Há uma recepção intensa de Saussure, na *Habilschrift* de 1924 de Weisgerber, intitulada *Sprache als gesellschaftliche Erkenntnisform* [A Língua como Forma Social do Conhecimento]², que conduzia a uma diferenciação entre as dimensões social e psicológica da *langue* mais claramente elaborada do que em Saussure.
- 2) Em discussão e debate com alguns dos mais conhecidos linguistas, filósofos e sociólogos contemporâneos (entre eles Vossler, Bühler, Funke e os membros do Círculo de Praga Trubetzkoy, Mathesius, Jakobson etc. da Linguística, Husserl, Hönigswald e Cassirer da Filosofia, Vierkandt, Ipsen, e Freyer da Sociologia), Weisgerber
 - a. defende a tese da ‘construção linguística do mundo’ que difere essencialmente da versão comumente aceita na altura, versão essa que concebia a linguagem como espelho da cultura, baseando-se num certo nacionalismo de estereótipos;
 - b. desenvolve uma teoria do signo e do significado bastante moderna ao deslocar a função do signo, ou seja a relação entre *signifiant* e *signifié*, para o ‘interior’ da linguagem, sem, no entanto, eliminar a instância do extralinguístico.
 - c. desenvolve os fundamentos de uma teoria dos campos semânticos.
- 3) No âmbito destas investigações, tomei em consideração documentos até agora desconhecidos que encontrei no Arquivo Weisgerber em Kassel (Alemanha). Menciono apenas a descoberta de duas cartas de Saleski a Weisgerber que fornecem indícios fortes para a tese de que Sapir teve conhecimento da posição weisgerberiana, ainda antes da sua viragem para a posição de um relativismo linguístico (que por sua vez veio a influenciar Whorf). Isto quer dizer que a famosa *Hipótese de Sapir/Whorf* se deva, porventura, à recepção dos escritos de Weisgerber por Sapir.

² Editada apenas muito recentemente: Weisgerber, Leo (2008), *Sprache als gesellschaftliche Erkenntnisform: eine Untersuchung über das Wesen der Sprache als Einleitung zu einer Theorie des Sprachwandels*, hrsg. von Bernhard Lauer, mit einer Einf. von Bernhard Weisgerber, Kassel: Brüder-Grimm-Gesellschaft

2ª fase (1933-1945): Posição ambígua face ao nazismo

A tese da ‘construção linguística do mundo’ implica que o conceito de *Volk* (povo) se define através da (respectiva) língua materna. No que respeita ao caso do povo alemão, esse povo seria constituído por todos os falantes de alemão. Esta implicação tácita da posição weisgerberiana foi aproveitada pela imprensa judaica que viu em Weisgerber um apoiante da pretensão dos judeus de contarem, nos inícios da ditadura nazi, como membros do povo alemão, desencadeando a seguir fortes críticas e até intrigas contra Weisgerber por parte de alguns apoiantes importantes do regime nazi. Weisgerber cedeu à pressão. Embora nunca tenha pretendido trair a sua concepção da linguagem, deu claros sinais da utilidade dela para a ideologia nazi na sua vertente não-racista. Após a guerra, Weisgerber fez sempre questão de que a sua posição se tinha oposto implícita e explicitamente aos nazis e principalmente à sua ideologia racista. Contudo, não se pode negar que a posição weisgerberiana se pautou, nas linhas gerais, por um oportunismo.

3ª fase (1945-1968): O grande sucesso e domínio da linguística weisgerberiana

Após a segunda guerra mundial, a linguística weisgerberiana, a assim chamada *Sprachinhaltsforschung*, tornou-se rapidamente paradigma e dogma da linguística da RFA; Weisgerber foi chamado de ‘Papa da Linguística alemã’.

4ª fase (1968-1974): O fim da era Weisgerber

No âmbito das grandes mudanças sociopolíticas nos finais da década 60 do século passado, houve na RFA marcantes reformas no âmbito do Ensino e especialmente no Ensino Superior que tiveram um grande impacto na Linguística. O termo *Linguística* serviu de ‘palavra de ordem’ na luta contra toda uma tradição reaccionária, sendo esta última associada ao termo *Ciência da Linguagem*. À recepção entusiástica e eufemística de Chomsky juntou-se a

deliberada vontade de acabar de vez com a tradição da Ciência da Linguagem, e particularmente com Weisgerber, principalmente por causa do seu alegado envolvimento com a ideologia nazi. Dentro de cinco anos, Weisgerber desapareceu da Linguística alemã. Consequência disso é que, nos últimos 35 anos, praticamente não têm sido feitos estudos sobre Weisgerber, tanto no que se refere a estudos temáticos como também a estudos historiográficos, facto que contrasta bastante com o papel destacado que Weisgerber desempenhara na linguística alemã.

3. Porque é que Weisgerber tem (alguma) relevância para a Filosofia da Linguagem?

Perante este cenário da Linguística alemã e o respectivo papel de Weisgerber, levanta-se agora a questão da relevância de Weisgerber para a Filosofia da Linguagem.

Uma coisa tem de ser dita de antemão: Não é nem era o meu interesse de justificar ou legitimar tudo aquilo que Weisgerber escreveu e defendeu. O meu ponto de vista é outro. A visão weisgerberiana sobre o fenómeno da linguagem e a sua função geral desempenha, não obstante de ser uma versão limitada com traços ideológicos, uma função importante, porque *sistemática*, no conjunto das teorias continentais sobre a linguagem. Esta minha tese sustenta-se numa interpretação da filosofia da linguagem de Humboldt. Limitar-me-ei a frisar apenas as linhas gerais desta meu ponto de vista.

A filosofia da linguagem de Wilhelm von Humboldt parte de uma pressuposição principal, e por assim dizer, paradigmática:

A linguagem não é um mero *'tool'* (meio, instrumento) para conhecer o mundo, antes pelo contrário, é a linguagem que determina aquilo que é o mundo (*world-disclosing-function*). Portanto: A linguagem constrói o mundo.

Esta tese de Humboldt é bem conhecida. Menos bem conhecido é o facto de que Humboldt deu quatro definições da essência da linguagem, com uma peculiaridade assaz interessante:

Cada uma das quatro definições é formulada apodicticamente, e de uma tal forma que as quatro definições se excluem reciprocamente. Esta característica da filosofia de Humboldt foi negligenciada por quase *todos* os intérpretes de Humboldt.

Este facto, já por si, constitui um desafio interpretativo, no sentido de como conciliar ou superar esta dialéctica antinómica em que se baseia a filosofia da linguagem de Humboldt. Mas este desafio ganha dimensões muito mais vastas se tivermos em consideração o impacto que Humboldt teve sobre o desenvolvimento da Filosofia da Linguagem na sua vertente continental.

Eu julgo que é possível encarar muitas versões da filosofia da linguagem continental (e porventura também grande parte da filosofia da linguagem anglo-saxónica) como desenvolvimentos que se baseiam, respectivamente, em uma das quatro definições da essência da linguagem fornecidas por Humboldt. (Aliás, no presente livro há apenas indicações para este projecto hermenêutico; estou a trabalhar, neste momento, num outro livro que pretende apresentar este projecto de forma sistemática).

As quatro definições ou concepções da essência da linguagem são as seguintes:

- 1) A linguagem é essencialmente **linguagem humana (*langage* no sentido universal)**,
 - ou enquanto **língua una, *characteristica universalis, hyperlangue***,
 - ou enquanto **competência linguística universal** do homem.
- 2) A essência da linguagem encontra-se nas **línguas particulares**, portanto nas ***langues*** enquanto **línguas maternas**, cujas estruturas, ou seja, cujas respectivas **formas internas** determinam o pensamento, a fala individual e o agir dos seus falantes. A língua materna é um **poder (= *Macht*)** que se impõe aos seus falantes.
- 3) A essência da linguagem está no **uso da língua**, na ***parole***, que, em caso ideal, possui a **força** de mudar e até transformar o sistema da ***langue***. Nesse caso específico, a ***parole*** exerce uma influência '**violenta**' (= ***Gewalt***), usurpativa e renovadora sobre a ***langue***.
- 4) A linguagem é essencialmente **diálogo**. Se não houvesse diálogo, se não houvesse nenhum outro sujeito que me responde, não haveria linguagem nenhuma (nem razão). Apenas a espontaneidade de uma resposta livre de um outro sujeito garante, afirma e constrói a objectividade e a subjectividade da linguagem. A linguagem nasce do diálogo entre sujeitos autónomos.

4. Chegamos ao ponto em que se pode dar uma resposta à questão acima formulada: Porque é que Weisgerber é relevante para a Filosofia da Linguagem?

- Mesmo se formulássemos a minha tese sobre o impacto da filosofia humboldtiana de uma forma mais modesta e limitada, no sentido de que as quatro definições da essência da linguagem estão subjacentes apenas em *várias* teorias modernas e contemporâneas sobre a linguagem, tornar-se-ia evidente que cada enfoque sobre uma das quatro definições desempenha uma função importante no âmbito do sistema integral das quatro definições. Sendo então Weisgerber um dos muito poucos escritores que favorecem o enfoque sobre o aspecto da *langue*, vendo como Humboldt e Whorf na língua materna um poder que determina fundamentalmente a respectiva construção do mundo, segue então daí a justificação de o tratar sob o ponto de vista filosófico. Isto seria então a primeira resposta quanto ao interesse filosófico em Weisgerber.
- 2ª resposta: A tese da construção linguística do mundo encontra-se, como segmento teórico, em muitas outras teorias sobre a linguagem, entre elas também aquelas ligadas à tradição anglo-saxónia da Filosofia da Linguagem (p. ex. em Quine, Goodman, Putnam). Daí que se justifique que seja tomada seriamente em consideração.
- 3ª resposta: Há um vasto campo de interrelações entre Weisgerber e outros filósofos da linguagem. A segunda parte do meu livro analisa esta questão. Para além da recepção weisgerberiana de Humboldt e Herder, existem recepções mútuas e contactos e influências directas entre Weisgerber e Cassirer, Weisgerber e Hönigswald, Weisgerber e Apel e Weisgerber e Vollmer. Para além disso, trato também as relações menos directas entre Weisgerber e Carnap, Wittgenstein e Mauthner. Na terceira e última parte do livro analiso as relações entre Weisgerber e Heidegger de um ponto de vista não apenas historiográfico, mas também sistemático.

Estabelecido assim o contexto e a estrutura geral do livro, gostava, por fim, de dar apenas algumas indicações muito breves relativamente à relação Weisgerber – Apel,

concentrando-me a seguir e na última parte da minha apresentação nas questões que dizem respeito a Heidegger.

5. Weisgerber e Apel

A filosofia da linguagem de Apel é conhecida como teoria pragmática, Apel como defensor de um pragmatismo transcendental.

O que é menos ou pouco conhecido é que, tanto Apel como, aliás, também Habermas se apoiam na tese weisgerberiana do poder da língua materna na construção do mundo. Apel era aluno de Rothacker e de Weisgerber em Bona, sustentando-se expressamente, durante uma década, ou seja de 1955 até 1965, na ‘filosofia da *langue*’ defendida por Weisgerber. Vários artigos publicados nos dois volumes da *Transformação da Filosofia*³, e ainda mais a *Habilschrift* de 1963, mostram isso com toda a nitidez. Apel, naquela altura, sonhava ainda com a ideia de amalgamar Weisgerber e Heidegger. Veja-se, a este propósito, tudo aquilo que consta de um artigo publicado em 1959, reeditado no 1º volume da *Transformação da Filosofia*, e submetido ao título *Muttersprachlich erschlossene Wahrheit als seinsgeschichtliche, entdeckend-verdeckende Weltkonstitution* [A verdade descoberta por meio da língua materna como constituição de mundo onto-histórica e descobridora-acobertante]⁴. A tese que Apel defende com muita convicção é precisamente a do poder da língua-mãe, que para Apel até se reveste de poderes transcendentais, pois são as estruturas da língua materna enquanto *langue* (‘língua-sistema’) que determinam aprioristicamente todos os actos de fala individuais.

Após de se virar para o pragmatismo (em fins dos anos 60), Apel quis desligar-se claramente deste paradigma da *langue*, antes defendido com tanto ardor. Mesmo assim, e este é *um* aspecto para o qual quis chamar a atenção no meu livro, Apel nunca consegue nem quer prescindir por completo da funcionalidade auxiliar deste teorema. Ainda em 1998, em vários artigos da antologia *Auseinandersetzungen in Erprobung des transzendentalpragmatischen Ansatzes*⁵, Apel salienta (pp. 311ss., 434) que a interpretação hermenêutica dos actos de fala deveria ser acompanhada e completada por

³ Apel, Karl-Otto (1973/1976), *Transformation der Philosophie*, 2 Bd., Frankfurt/M.: Suhrkamp

⁴ Tradução que afigura na versão portuguesa deste livro; Apel, Karl-Otto (2000), *Transformação da Filosofia*, 2 vols., trad. de Paulo Astor Soethe, São Paulo, Ed. Loyola

⁵ Apel, Karl-Otto (1998), *Auseinandersetzungen in Erprobung des transzendentalpragmatischen Ansatzes*, Frankfurt/M.: Suhrkamp

um estudo linguístico-analítico da pré-estruturalidade semântica desses mesmos actos de fala, alertando para o facto de que essa pré-estruturalidade pode ser decisiva para o escrutínio do leque das possíveis variantes de interpretação.

É exactamente esta a tese de Cristina Lafont⁶ sobre a Filosofia da Linguagem habermasiana que, segundo o ponto de vista de Lafont, se baseia em demasia na ideia do poder da *langue*.

6. A investigação sobre Heidegger

Passo agora à última parte desta minha apresentação, na qual gostava, por fim, de dar uma ideia como a análise da filosofia de Heidegger se enquadra no contexto da minha investigação.

Tendo em consideração que o fio condutor da tese é a questão das relações entre Weisgerber e Heidegger, a investigação partiu da questão heurística, se a filosofia da linguagem de Heidegger se deixa entender como mais uma versão da tese da construção linguística do mundo e do poder da língua materna, tese essa defendida, entre outros, por Apel e Lafont. Esta questão foi respondida negativamente. Eu quis mostrar que a filosofia da linguagem de Heidegger não pode ser compreendida como uma ‘filosofia da *langue*’, embora parta de uma hermenêutica da *langue*. Mas esta hermenêutica é desconstrutiva, tendo efeitos destrutivos sobre a *langue* enquanto sistema e enquanto norma. Contudo, é apenas com base nesta destructividade que Heidegger desenvolve, ou melhor, des-encobre a *Ereignissprache* [a linguagem ou língua do *Ereignis*]. A parte central da minha investigação ocupa-se então com a tentativa de lançar mais luz sobre o modo desta construção. É neste sentido que defendi a tese de que se deixam apurar certas estratégias linguísticas, cuja função estaria tanto na desconstrução da *langue* como também na construção da *Ereignislangue*.

Por outro lado e à parte disto, investiguei outro tipo de laços quase totalmente desconhecidos que existem entre Heidegger e Weisgerber. Por um lado nota-se que há, por parte de Heidegger, uma recepção directa e por vezes intensa de todos aqueles filósofos que eram os mais importantes para Weisgerber, i.e. Humboldt, Herder, Cassirer (e, para além disso, Husserl, Hönigswald etc.), por outro lado quero mencionar

⁶ Lafont, Cristina (1999), *The Linguistic Turn in Hermeneutic Philosophy*, translated by José Medina, Cambridge, Mass. / London: MIT Press

apenas dois factos bastante interessantes e quase totalmente desconhecidos na investigação filosófica sobre Heidegger.

Dois dos participantes do célebre seminário sobre *Zeit und Sein* [*Tempo e Ser*], que teve lugar em Todtnauberg nos dias 11 a 13 de Setembro de 1962, mantiveram relações muito próximas com Weisgerber. O primeiro é Erasmus Schöfer, autor de um livro sobre a linguagem de Heidegger⁷ escrito do ponto de vista da Linguística, considerado durante 40 anos o único estudo nesse campo de investigação. Schöfer era aluno de Weisgerber, e o seu livro a sua tese de doutoramento orientada por Weisgerber. Alguns documentos pouco conhecidos, entre os quais uma carta aberta a Heidegger, mostram tanto a tentativa como as suas dificuldades de conciliar Heidegger e Weisgerber.

O outro participante do dito seminário foi Johannes Lohmann, Professor da Indogermanística em Friburgo e o único professor de Friburgo que tinha votado contra a proibição de qualquer actividade lectiva a Heidegger em 1946. Lohmann, por vezes chamado de Heidegger da Linguística, estava convencido do valor da tese humboldtiana da construção linguística do mundo e já tinha, na altura de 1962, levado a cabo alguns projectos comuns com Weisgerber, só que diferia dele na convicção de que as diversas concepções do mundo não se deviam às estruturas das diversas línguas maternas, mas às diferenças das diversas famílias linguísticas. Para além disso, defendia que o ser entendido no sentido heideggeriano se mostra em estruturas peculiares da família das línguas indogermánicas. Perto de 1965, as diferenças entre Weisgerber e Lohmann, à primeira vista mínimas, levaram a um desentendimento muito grande entre eles, terminando com a ruptura das suas relações.

Não posso entrar mais detalhadamente neste assunto de duas *interfaces* humanas entre Heidegger e Weisgerber, investigação que no entanto é desenvolvida e apresentada no livro.

No fim desta minha apresentação gostava de voltar às questões do papel da linguagem em Heidegger e das estratégias linguísticas. Indico primeiro um pequeno itinerário do contexto geral destas duas questões.

- 1) Heidegger, na sua filosofia após a *Kehre*, parte do princípio que História da Metafísica tem seguido, desde os tempos dos pré-socráticos até hoje,

⁷ Schöfer, Erasmus (1962), *Die Sprache Heideggers*, Pfullingen: Neske

um caminho que revela uma certa lógica: À medida que a questão do ser se foi esquecendo, ganhou cada vez mais força e impacto uma visão ôntica do mundo, segundo a qual toda e qualquer coisa, inclusive os próprios sujeitos, se tornou coisa tecnicamente manipulável e dominável. Esta tendência culminaria na dominação e domesticação total e calculável de todos os objectos e sujeitos do mundo, ou na suposta superação de todos os problemas mediante a produção artificial de um mundo alternativo.

- 2) A linguagem é (já em *Ser e Tempo*) a articulação da nossa visão do mundo. Ela, sem que estivéssemos conscientes disso, é, caso geral e caso normal, o meio pelo qual a visão metafísica e técnica do mundo se impõe quase que natural ou inconscientemente.
- 3) A linguagem, por essa razão, não apenas encobre a questão do ser (tal como Heidegger a entende), ela antes impede que se saia da visão do mundo em vigor. Cada acto de fala não faz mais do que reforçar a visão metafísica do mundo em vigor.
- 4) Também o esforço teórico de mostrar um caminho diferente, de criticar a visão do mundo regente, não é capaz de se esquivar da característica íntima da linguagem de arrastar tudo para o patamar da compreensibilidade fácil e habitual. Aquilo que é compreensível traz desde já e desde sempre a marca e o estigma da articulação corrente e comum.
- 5) A única solução consiste para Heidegger numa estratégia de, digamos assim, ‘enganar’ a linguagem corrente. Enganar quer dizer aqui: Continuar a usar a linguagem corrente, mas de uma forma diferente e desconstrutiva, uma forma que, à partida, bloqueia e mina todas as tentativas habituais de interpretação.
- 6) Muitos dos ‘termos’ tipicamente heideggerianos revelam o uso de certas estratégias linguísticas, que seguem precisamente este fim.
- 7) São estas estratégias que tentei analisar no meu livro.

Gostaria de dar, por fim, uma ideia mais concreta destas estratégias, limitando-me a especificar os seus dois tipos centrais.

Um primeiro conjunto de estratégias diz respeito à expressibilidade do ser próprio e próprio (ou do acontecimento próprio e próprio). Segundo Heidegger, este ser/acontecimento próprio e próprio não se deixa exprimir com base na ideia da igualdade, mas apenas com base na ideia da mesmidade. A igualdade, padrão paradigmático tanto dos juízos tautológicos da forma *A é A*, como também das equações matemáticas e de todo o tipo de relações de equivalência, é sinal do pensamento metafísico, que trata todos os entes de forma igual, como *Vorhandensein* [*estar perante*]. Heidegger desenvolve então formas de dizer que dissolvem, minam e dissociam as formas correntes do uso linguístico e os nexos gramaticais que se baseiam no paradigma da igualdade. Este tipo de estratégias não se restringe apenas às variadas formas de substituição de juízos tautológicos comuns (p. ex. substituindo uma frase de tipo *O Ereignis é o Ereignis* pela *O Ereignis ereignet* ou pela enunciação do mero nome *Ereignis*), mas dissolve também a igualdade gramatical enquanto equivalência polissémica, equivalência das entradas lexicais no dicionário, equivalência dos sinónimos, estabilidade da pertença a classes gramaticais, estabilidade da pertença a determinadas fases de desenvolvimento histórico das línguas e equivalência ou tradutibilidade interlingual etc. Ao proceder a esta dissolução lexical e gramatical, Heidegger cria, usando um termo de Eugenio Coseriu, novas ‘solidariedades lexicais’ e gramaticais, que não se exprimem manifesta e materialmente, mas só como relacionalidade, e por isso apenas indirecta e encobertamente, aproveitando-se, por assim dizer, do poder linguístico da diferença negativa, posto em evidência por Saussure.

Um segundo conjunto de estratégias alicerça-se nas ditas estratégias de dissociação. A técnica da separação de algumas palavras essenciais por hífen dissocia, por um lado, estas palavras, por outro confere às respectivas partes dissociadas, i.e aos prefixos, suffixos e até aos radicais, um estatuto lexical autónomo. O facto de que as respectivas novas ‘lexicalidades’ não possuem um significado fixo ou facilmente acessível, corresponde perfeitamente às intenções e necessidades da concepção heideggeriana. Mas Heidegger vai ainda mais longe, porque cria um sistema de novos nexos e remissões encobertas entre as partes dissociadas, e é este novo para-sistema gramatical que constitui a base para a topologia do *Ereignis*, correspondendo assim à destacada distinção heideggeriana da espacialidade na fase tardia do seu pensamento. Dito de uma forma mais simples: Heidegger aproveita especificidades gramaticais encobertas e ocultas da língua alemã relacionadas com a espacialidade para dar corpo à

especialidade do *Ereignis*, sem ter de recorrer ao uso de imagens ou de representações e significações imagéticas.

Termino aqui a apresentação do meu livro, e espero que tenha despertado alguma curiosidade em relação a este assunto.